

## **O MOVIMENTO É DAS MULHERES: MEMÓRIA E IDENTIDADE DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EM FOZ DO IGUAÇU.**

### **THE WOMEN'S MOVEMENT: MEMORY AND IDENTITY OF THE WOMEN PICKERS IN FOZ DO IGUAÇU.**

### **EL MOVIMIENTO ES DE LAS MUJERES: MEMORIA E IDENTIDAD DE LAS RECOLECTORAS DE MATERIALES RECICLABLES EN FOZ DO IGUAÇU.**

SÁ, Erika Marques de<sup>1</sup>

OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho buscou investigar a memória e as identidades dos catadores de materiais recicláveis do município de Foz do Iguaçu. Por meio da metodologia da história oral podemos reconhecer alguns marcadores importantes das identidades dessas agentes. Destacamos o preconceito sofrido por esses trabalhadores, as condições insalubres principalmente dos trabalhadores autônomos que muitas vezes pode ser considerada análoga à escravidão. Por último, a preponderância de lideranças femininas e de mulheres nesta profissão.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Catadores de materiais recicláveis. Gênero.

**Abstract:** The present work sought to investigate the memory and the identities of the pickers of recyclable materials in the city of Foz do Iguaçu. Through the oral history methodology we can recognize some important markers of the identities of these agents. We highlight the prejudice suffered by these workers, the unsanitary conditions mainly of the self-employed workers, they can often be considered analogous to slavery. Finally, the preponderance of female leaders and women in this profession.

**Keywords:** Memory. Identity. Recyclable material pickers. Gender.

**Resumen:** El presente trabajo buscó investigar la memoria y las identidades de los recolectores de materiales reciclables del municipio de Foz do Iguaçu. Por medio de la metodología de la historia oral podemos reconocer algunos marcadores importantes de las identidades de estas agentes. Destacamos el prejuicio sufrido por esos trabajadores, las condiciones insalubres principalmente de los trabajadores autônomos que muchas veces puede ser considerada análoga a la esclavitud. Por último, la preponderancia de liderazgos femeninos y de mujeres en esta profesión.

**Palabras-clave:** La memoria. Identidad. Catadores de materiales reciclables. Gênero.

Envio: 25/02/2019

Revisão: 25/02/2019

Aceite: 27/05/2019

<sup>1</sup> Estudante do Curso de História- Licenciatura. UNILA. E-mail: emd.sa.2016@aluno.unila.edu.br

<sup>2</sup> Doutora em História Social. UNILA. E-mail: suellen.oliveira@unila.edu.br

### **Introdução**

O artigo apresenta os resultados da pesquisa de iniciação científica: Fronteiras entre o lixo: as narrativas dos trabalhadores de materiais recicláveis sobre a região trinacional, desenvolvida entre os anos de 2016-2018. O objetivo principal do projeto era escutar, registrar e analisar a memória dos trabalhadores de materiais recicláveis na cidade de Foz do Iguaçu, a fim de analisar suas práticas e saberes, pois a análise da atuação desses agentes revela as identidades da fronteira e o circuito de integração das atividades relacionadas com os resíduos. Parte do projeto tem como objetivo preencher a lacuna no conhecimento das condições de trabalho dos catadores na cidade de Foz do Iguaçu, visto que as três cidades da fronteira possuem uma relação de interdependência econômica, que deve ser estudada em conjunto, para que as políticas públicas resultem de modo efetivo em melhores condições de vida para os trabalhadores internacionais, embora o caráter informal do trabalho com resíduos impeça essa caracterização pelo poder público.

A pesquisa utilizou uma metodologia multidisciplinar combinada da história oral, já que esta permite coletar os dados, as narrativas e o trabalho da memória dos agentes ambientais com a etnografia participante. As entrevistas analisadas neste artigo foram realizadas com a ex-presidente da Cooperativa dos Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu (COAAFI) Viviane Mertig e a atual presidente Cleusa Cordeira da Silva, os encontros ocorreram em 27 de abril e 18 de maio de 2018 respectivamente. Além disso, na entrevista da Viviane tivemos a participação de sua filha Joyce Mertig, que por acompanhar a mãe também compartilhou sua experiência e seu ponto de vista sobre os assuntos abordados. Apesar do planejamento inicial de um roteiro pré-determinado de questões, como referência para orientar a realização das entrevistas, as pesquisadoras evitaram segui-lo rigidamente permitindo assim maior poder de fala às entrevistadas.

Ao longo dos dois anos de pesquisa descobrimos que as mulheres catadoras são protagonistas do trabalho com os resíduos, logo elas são as principais lideranças do movimento de catadores de materiais recicláveis em Foz do Iguaçu. Deste ponto passamos a investigar o papel das mulheres no trabalho com os resíduos e suas múltiplas relações sociais com a região.

### Fundamentação teórica

A pesquisa atende aos objetivos de investigar as memórias e os conceitos de integração, regional fronteira e as inter-relações de atores subalternos da fronteira trinacional. Utiliza o método multidisciplinar de história oral com a etnografia participante porque pretende deslocar a pesquisa objetiva sobre as narrativas dos trabalhadores de materiais recicláveis, para a possibilidade de conhecer e interpretar os seus conceitos de região, território e poder como um diálogo entre os pesquisadores e os sujeitos, pois como ressalta Gallian: “interpretar a cultura do outro passa, necessariamente, pelo diálogo que se estabelece entre os sujeitos, no encontro dos seus discursos e no cruzamento de seus universos culturais” (GALLIAN, 1992:99).

Ao que tange a interdisciplinaridade com a História Oral, Dante Gallian ressalta que o historiador que trabalha com a história oral está sujeito às mesmas questões éticas que o antropólogo, pois ambos produzem suas próprias fontes (GALLIAN, 1992). Portanto, as questões metodológicas de produção de testemunhos, transcrição, autorização de depoimento e direitos autorais estão em conformidade com as regras da Associação Brasileira de História Oral. Cabe ressaltar que nos estudos da história oral existem duas vertentes metodológicas, a primeira considera os testemunhos fontes imparcial para a reconstrução do passado, a segunda avalia as narrativas como lugares de memória que são produzidas pelo jogo entre lembrança e esquecimento (POLLAK, 1989:9).

A pesquisa buscou caminhar com o segundo aporte, porque considera a memória produto de um conflito, da negociação social desencadeada pelas relações de interdependência que os indivíduos mantêm com a sociedade. E como o lixo não mente, ele foi o nosso tema gerador das entrevistas com as lideranças da (COAAFI).

Antes cabe destacar que a lixologia é um campo de estudos recentes organizado de modo pioneiro, entre os anos de 1987 e 1995, pelo arqueólogo americano Willian Rathje. Ele dirigiu uma equipe de escavações em um projeto chamado *Lixo/Garbage* através da Universidade do Arizona. Ao longo desses anos a equipe escavou, classificou, mediu e registrou trinta toneladas de conteúdo de quinze aterros localizados na América do Norte - da Califórnia a Toronto. A amostragem da pesquisa revelou que a maioria dos resíduos era

proveniente de materiais de construção e demolição, ao contrário dos estudos que indicavam os plásticos e fraldas descartáveis como o maior grupo de resíduos.

Naquela época, os materiais da construção civil recebiam pouca atenção das políticas públicas de reciclagem. Assim o projeto Lixo usou os resultados da arqueologia para contrapor as metas das políticas públicas, contestando as pesquisas nas quais as pessoas afirmavam que os resíduos orgânicos eram a principal fonte de desperdício. Entre outros mitos, Willian Rathje mostrou que o lixo não mente sobre os hábitos e estilos de vida das pessoas (RATHJE & MURPHY, 2001).

Arqueólogos sempre encontram nos depósitos de lixos as grandes descobertas das escavações, então o projeto Lixo nos ensinou que o mesmo método utilizado para estudar sociedades primitivas poderia ser usado pelas ciências sociais, a fim de investigar o passado presente da nossa sociedade e propor soluções. As recomendações de Willian Rathje sobre a ciência social do lixo criou uma nova especialidade, a partir de um neologismo Garbalogy, (*Garbage/Lixo+ Archaeology/Arqueologia*), traduzido para o português seria um campo de conhecimento chamado lixologia. Enquanto no norte, a lixologia tornou-se matéria essencial nas Universidades, no Brasil o trabalho pioneiro de Willian Rathje é pouco citado.

O que os estudos da lixologia têm em comum com o trabalho feminino das catadoras na cidade de Foz do Iguaçu é a relação com o estigma. Willian Rathje nos conta ainda, que no início de suas pesquisas as pessoas o achavam louco por trabalhar escavando o lixo (RATHJE & MURPHY, 2001). A pesquisadora orientadora da iniciação científica e a estudante, também experimentaram o preconceito dos colegas na Universidade, quando começaram a trabalhar na ação de extensão que realizou o quarteamento no aterro da cidade de Foz do Iguaçu<sup>3</sup>. Catar, separar e pesar os resíduos, ainda que como trabalho de pesquisa e extensão foi uma experiência de vida transformadora, porque entrar em contato com o que classificamos como lixo modifica a nossa relação com o consumo e de cuidado com o planeta. Por isso não nos surpreendeu que as catadoras e os catadores expressassem o estigma como a principal

---

<sup>3</sup> A técnica do quarteamento serve para determinar a composição gravimétrica dos resíduos sólidos conforme NBR 10.007/04. Este procedimento consiste na divisão de quatro partes iguais do montante de resíduos, da qual duas partes serão separadas e pesadas até que o montante forme o volume desejado para aplicação do cálculo estimado. A ação de extensão citada é “Observatório Ambiental: Implantação da Política Municipal de Resíduos Sólidos em Foz do Iguaçu” foi desenvolvida entre os anos de 2016-2018, assim o projetos de pesquisa e extensão sempre estiveram articulados.

identidade atribuída à categoria profissional pela cidade. Todos que trabalham com os resíduos carregam essa marca de distinção, ainda que dentro da Universidade.

Durante muitos séculos, a palavra lixo esteve associada à pobreza e tudo que pode ser descartado. Assim como os trabalhadores de materiais recicláveis estiveram à margem das políticas de inclusão social, devidos aos problemas gerados pela má gestão dos resíduos. A bibliografia especializada está dividida entre aqueles que definem o termo lixo e resíduos sólidos como significados diferentes ou sinônimos. A diferença consiste na destinação, pois lixo é algo que não pode ser aproveitado, portanto rejeitado. Já resíduos sólidos podem ser aproveitados e reciclados. No entanto, esse debate hoje perde sentido visto que já existem inúmeras tecnologias que transformam todos os tipos de rejeitos (BIANCO & MOREJON: 2015).

Mas, nos interessa abordar a questão subjetiva da definição do que é descartado e identificado como lixo, porque quem decide é a pessoa que descarta. A historiadora Susan Strasser acredita que três fatores principais configuram o processo histórico que deu origem a substituição do paradigma da reutilização para a cultura descartável, são eles: a) a característica do trabalho doméstico, b) os desejos e os medos de quem classifica o lixo e c) as transformações da cultura de massa. Claro que as categorias de raça, classe e gênero são fundamentais para analisar esses fatores, por exemplo, a responsabilidade de levar o lixo para fora é dos homens, porque o espaço público é um território masculino. Assim como as classes mais abastadas descartam as coisas para demonstrar seu *status*, já as classes mais populares são mais criativas na reutilização (STRASSER, 1999). Indagada sobre a relação do seu trabalho com o tipo de coleta, Cleusa destaca:

106

E a Vila A já faz esse porta a porta. Já tem uns 3 ou 4 anos que eles estão fazendo esse porta a porta lá na Vila A. Lá **as donas de casa** separam bem o material, lá é excelente o material que elas separam lá na Vila A. [...] E a gente procura falar pras **donas de casa**, “Não ponha caco quebrado, né”, para enrolar, identificar, pra já pra livrar disso, de um acidente dentro dos barracões. (SILVA, 2018). **Grifo nosso.**<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A transcrição dos depoimentos foi literal, para manter o depoimento fiel à tradição oral das entrevistadas.

As catadoras não conhecem o livro de Susan Strasser, mas elas sabem de experiência de vida que são as mulheres, “as donas de casa”, responsáveis por separar o lixo. De igual forma, são elas quem devem ser educadas para a separação correta.

Todavia, no interior dessas categorias também encontramos hábitos semelhantes de descarte, visto que as definições de sujeira e higiene estão ligadas aos medos e as inseguranças das pessoas. O trabalho da antropóloga Mary Douglas demonstrou que o ideal de pureza frequentemente está associado à limpeza, a fim de criar ordem na vida das pessoas. Quando o indivíduo classifica o que é sujo, do que ele tem medo? Pergunta Douglas. A resposta dada por ela aponta que a classificação de sujeira sempre cria fronteiras entre a casa e a rua, nos lugares permitidos e interditados nas cidades, sobretudo no que é o limite do cuidado de si e do outro (DOUGLAS, 1991). Logo, o lixo também revela os nossos desejos e medos. Deste modo, a história social do lixo aponta que o trabalho doméstico é a categoria que define e classifica o que vem a se tornar descartado (STRASSER, 1999).

Como nos ensinou Carole Pateman, o contrato social sexual, que estrutura o estado-nação moderno destina as tarefas do cuidado, ou seja, tudo que envolve o trabalho do Lar/doméstico ao trabalho feminino (PATEMAN, 1993). Portanto, as mulheres são a maior força de trabalho doméstico, logo são elas que decidem o que vai ser descartado ou não dentro de casa, são as mulheres que definem os limites do que é sujo e impuro. E são as mulheres catadoras responsáveis por liderar 45% das cooperativas de catadores no Brasil (CABRAL, 2016:76), porque elas representam 80% dos trabalhadores de materiais recicláveis no Brasil (PAIVA, 2017). Por esses dados, a nossa pesquisa concluiu que as identidades as quais procurávamos estudar e conhecer eram a de mulheres catadoras.

107

### **Memória e identidade das catadoras de materiais recicláveis em Foz do Iguaçu**

Sobre as narrativas das entrevistadas, chama muito atenção em ambas as falas a existência de um estigma muito forte do restante da sociedade com o trabalho que elas realizam. Quando perguntadas sobre os problemas enfrentados neste trabalho, as duas responderam rapidamente que era o preconceito a principal dificuldade encontrada. Na fala da Cleusa:



Ainda é o reconhecimento das pessoas, ainda tem muitas pessoas que acham que o catador de reciclável... como eu vou te falar.... Eles desfazem das pessoas ainda. (...) Ainda há o preconceito sobre isso. Porque tem muitas pessoas que falam que são “catador de lixo” (...) Mas assim, de uma certa maneira eles querem ofender a pessoa que é o catador, né. Só que eles não ligam não, eles sabem que eles vivem disso mesmo. É lixo para uma pessoa, mas é dinheiro pra eles. É dali que eles tiram o sustento, mas é a rejeição que a gente acha é isso, sobre a visão da comunidade. (SILVA, 2018)

Estas problemáticas por surgirem diversas vezes nas falas das entrevistadas demonstram como este é um marco formador de sua identidade como trabalhadoras. Revela também que o trabalho com os resíduos não é interpretado como categoria profissional para a maioria da sociedade, por conseguinte aumenta o estigma sobre a profissão.

Outra questão que apareceu em nossas entrevistas foi uma perspectiva de gênero relacionada ao trabalho da coleta dos materiais recicláveis. Segundo Cleusa a maioria das pessoas que trabalham nos barracões são mulheres e não era incomum ouvir ela se referir ao grupo como se fosse formado exclusivamente por mulheres. Quando inquirida sobre o tema ela afirmou:

Cooperativa mulheres, a maioria são mulheres, têm poucos homens. (...) Não sei se é porque mulheres tem filhos, umas não estudaram, outras... é por falta de oportunidades né, mas hoje... (SILVA, 2018)

Cleusa nasceu em Mamborê Paraná e se mudou para Foz do Iguaçu para trabalhar no Paraguai de sacoleira, quando o comércio de revenda dos produtos perdeu espaço para o *e-commerce* diretamente da China, ela se viu na situação de ingressar no mercado de trabalho como catadora, segundo ela: “E aí foi por falta de oportunidade, de serviço que eu acabei ficando aqui na reciclagem” (SILVA, 2018).

A história de vida de Cleusa é bem representativa da organização do mercado de trabalho em Foz do Iguaçu, visto que a cidade está integrada ao centro comercial de *Ciudad del Leste*, atraindo migrantes do Brasil e do mundo, muitos fazem esse mesmo caminho em busca de oportunidades. No entanto, a informalidade desse serviço causa o desemprego estrutural em longo prazo, porque quando o volume de compras reduz, os trabalhadores são

dispensados e a economia da cidade de Foz do Iguaçu não consegue absorver o fluxo excedente.

A região trinacional entre Argentina, Brasil e Paraguai concentra uma das maiores populações fronteiriças da América Latina. Seccionada pelos rios Paraná e Iguaçu, a maior das tríplices fronteiras em termos populacionais e de complexidade urbana do continente (RABOSSI, 2011) converge o local, o regional e o global (KLEINKE, 2011) nos fluxos comerciais e no trânsito de pessoas, bens e lixo.

Além disso, a questão de gênero e a desigualdade social podem ser percebidas também dentro da própria história de vida contada por Viviane, já que como mãe de uma criança pequena e sem ter com quem deixá-la no contraturno da escola, era comum que a Joyce a acompanhasse na catação nas ruas. Esta é uma questão muito preocupante, pois como afirma a UNICEF o trabalho infantil é um dos principais processos pelo qual “crianças e adolescentes acabam abandonando a escola ou sendo reprovados sistematicamente.” (UNICEF: 2005: 56). Nos barracões da cooperativa a entrada de crianças é proibida segundo as entrevistadas, mas ainda nos dias de hoje é possível ver crianças acompanhando os pais e ajudando na catação entre os catadores autônomos.

109

Por outro lado Viviane e Joyce apontaram a importância da existência de cooperativas para a educação das pessoas que realizam esse trabalho. Elas citaram alguns exemplos de catadores que dentro da cooperativa conseguiram se formar até mesmo no nível superior, como sua filha Joyce estudante de Relações Internacionais da UNILA. Segundo elas:

Viviane: Então tem vários catadores que tão se formando e assim como nós temos os filhos de catadores, né.

Joyce: Os filhos tão em muita maior escala, como melhorou as condições dos pais, os filhos já não precisam mais tá indo trabalhar junto, que era uma realidade muito comum antes. Agora os pais podem e tem a condição de de repente pagar um curso mais barato ou o filho consegue ter condição de estudar pra passar numa faculdade pública.

Viviane: Porque antes o filho tinha que ajudar no orçamento da casa. Hoje com a organização dos catadores, os filhos já não precisam mais disso e os filhos vai estudar. (MERTIG, 2018)

As pessoas que trabalham com a coleta seletiva normalmente chegaram a esta profissão por necessidade como apontam as duas entrevistadas. A falta de oportunidade de



outros trabalhos e a necessidade de se sustentar faz com que elas busquem no lixo a sua renda. A cooperativa permite que eles se organizem, reúnam materiais e assim possam ter uma certa segurança e garantia de ganhos a mais.

Entretanto, a maioria dos catadores na cidade ainda é autônoma, nesta situação, eles estão sozinhos e vulneráveis aos atravessadores, que são os ferros-velhos que compram seus materiais. Segundo a Viviane, eles pagam o preço que querem pelo material e não é incomum que o pagamento nem seja feito em dinheiro. Segundo ela para não entrar na cooperativa:

Porque sabe como é que essas pessoas seguram os catadores? Eles adiantam um dinheiro. Você precisa, nossa que beleza, paizão. Só que você nunca consegue pagar aquela conta, de tão pouco que você ganha, você nunca consegue. (MERTIG, 2018)

Sua fala ainda revela uma situação muito preocupante, já que muitos desses lugares oferecem um lugar para essas pessoas dormirem ao invés de um pagamento.

110

(...) tem muitos que oferece até pouso. Muitos lugar tem um lugar pra pouso, insalubre, desumano, mas existe um lugar pro catador dormir. Cedo. Ele tem que levantar cedo, sai pra fazer a coleta, ele traz pra aquele lugar, sai de novo, sai cata, traz pra aquele lugar, ele dorme ali. E o patrão bonzinho ele diz, “não, to te emprestando o carrinho e você ainda tem lugar pra dormir, como é que eu vou te pagar?” (MERTIG, 2018).

O relato acima representa as relações de trabalho fora da cooperativa em condições análogas à escravidão. O que nos leva a pensar sobre a representação social da cooperativa para o trabalho feminino como a casa. O movimento de catadoras pode ser também interpretado como um movimento de mulheres para o apoio mútuo, pois, juntas, elas podem se proteger e negar um trabalho informal que explore sua condição de vulnerabilidade social, evita abusos sexuais e outras formas de violência. Segundo Camila Paiva:

Sendo as mulheres as mais atingidas pelo desemprego e submetidas ao trabalho precário e informal, as cooperativas de catadores de materiais recicláveis oferecem uma oportunidade de acesso ao trabalho e à renda, garantindo o sustento e até mesmo a inclusão social de milhares de mulheres. A participação em espaços de decisão contribui para maior autonomia das mulheres. (PAIVA, 2017: 168/169).

## Conclusões

Através das entrevistas realizadas destacamos em primeiro lugar a questão do preconceito da população em relação a coleta do material reciclável e como este estigma afeta a identidade das mulheres catadoras. Outro ponto que podemos destacar se refere a condição de vulnerabilidade social relacionada ao ingresso na profissão, no caso de Foz do Iguaçu, esse grupo é formado majoritariamente por mulheres. Os autônomos ganham menos que os cooperados e às vezes ficam reféns dos atravessadores, em condições muitas vezes análogas ao trabalho escravo. Outra questão importante a ser destacada é a liderança feminina dentro da cooperativa e no trabalho com os resíduos.

Gayatri Spivak (1998) ao pesquisar as representações das mulheres na Índia por meio de suas resistências e diferenças, conclui que mesmo assim reconhecida as várias estratégias de dominação sobre outro, suas formas de resistência e capacidade de agência, o sujeito subalterno não pode falar, mas assim como as mulheres na Índia, ele pode desenvolver ações táticas e estratégias mediadas pelo espaço cotidiano e silencioso.

111

São esses silêncios, medidos na fala do outro, que tutela o sujeito catador, que procuramos investigar também nessa pesquisa. A identidade constitui a representação do próprio mundo, tal como ele se expressa e ganha sentido para quem dele participa. No encontro com outro, nosso mundo se estrutura, porque vivemos em uma sociedade de indivíduos integrados pelas redes de interdependência (ELIAS, 2004).

Em um mundo marcado pelo consumo, logo existo. As catadoras não pertencem a esse mundo, porque possuem reduzido poder de consumo, por outro elas sustentam esse território, pois são responsáveis por gerir o descarte do consumismo de um dos maiores centros de compras da América Latina.

Se para a cidade as catadoras fazem um trabalho identificado como sujo e degradante, no seu cotidiano elas reconhecem sua importância, porque desse trabalho elas sustentam seus domicílios de modo independente e digno, garantindo que seus filhos e filhas tenham acesso ao mundo de oportunidades que lhes foi negado. De igual forma, a participação na cooperativa protege as catadoras das redes do trabalho escravo e abre espaço para desenvolverem suas habilidades de lideranças. Assim, as catadoras por meio do seu trabalho

digno, silencioso e invisibilizado pela sociedade, retomam o poder de decidir suas próprias vidas através do trabalho nas cooperativas. Como destaca Viviane:

nós temos as feiras de economia solidária, a gente vai pras palestras, na Expocatadores, nós temos um encontro só para mulheres todo ano, só para mulheres catadoras. **Nós temos o movimento é muito grande e a maioria dos catadores são mulheres, a maioria são mulheres** (MERTIG, 2018)  
**Grifo nosso.**

O movimento é das mulheres. O trabalho feminino através dos materiais recicláveis significa para as catadoras entrevistadas a conquista das suas próprias identidades, ainda que estigmatizadas pela cidade, elas podem falar por si mesmas e dialogar com todas as outras resistências. Pelas ameaças ao direito à igualdade de gênero no Brasil atualmente, as histórias de vida de Cleusa, Viviane e Joyce servem de alimento para os nossos sentimentos de esperança, pois nos lembra de que o apoio mútuo e a sororidade entre mulheres restitui a nossa capacidade de agência interdita pela sociedade patriarcal.

112

## Referências

### Fontes primárias

MERTIG, Viviane. Depoimento oral: entrevista realizada em Foz do Iguaçu. 27 de abril de 2018.

SILVA, Cleusa Cordeira da. Depoimento oral: entrevista realizada em Foz do Iguaçu. 18 de maio de 2018.

### Livros e artigos

BIANCO, T. S.; MOREJON, C. F. M; RIPPEL, Ricardo. Estimativa da geração de resíduos sólidos urbanos(GRSU) na mesorregião do oeste do Paraná-2005-2015. **Anais do 6º Fórum Internacional de Resíduos Sólidos**. São Paulo, 2015. 1-9 .

CABRAL, Laíse Râbelo et al. Reciclando as relações de gênero: A divisão sexual do trabalho em cooperativas de catadoras e catadores e o papel de lideranças femininas na política pública de resíduos sólidos no Distrito Federal. In: PEREIRA, Cristina Jaquette & GOES, Fernanda Lira. **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. 75-98.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GALLIAN, D.M.C. "O Historiador como Inquisidor ou como Antropólogo? Um questionamento para os 'Historiadores Oraís'. **Revista de História**. nº 125-126, Agosto-Dezembro/Janeiro-Julho, 1991-92.

KLEINKE, Maria de Lourdes Urban et al. **O paraíso dos outros**. Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD, n. 88, p. 23-36, 2011.

PAIVA, Camila Capacle. Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho. **Idéias**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 151-174, mar. 2017. ISSN 2179-5525. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649500/16055>>. Acesso em: 24 fev. 2019. doi:<https://doi.org/10.20396/ideias.v7i2.8649500>.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio: Paz e Terra. 1993.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2 n.3, 1989, p.3-15.

RABOSSI, F. Como pensamos a Tríplice Fronteira? In: Lorenzo Macagno, Silvia Montenegro e Verónica Giménez Belivau (orgs.) **A Tríplice Fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais**. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 39-61.

RATHJE, William L., & MURPHY Cullen. **Rubbish!: The Archaeology of Garbage**. Tucson, AZ: University of Arizona Press, 2001.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "¿Puede hablar el sujeto subalterno?". **Orbius Tertius**, 3 (6), 175-235 1998. En Memoria Académica. Disponible en:[http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art\\_revistas/pr.2732/p](http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2732/p). Acesso em 24 de setembro 2015.

STRASSER, Susan. **Waste and Want: A Social History of Trash**, New York: Henry Holt, 1999.

UNICEF. **Situação das crianças e dos adolescentes na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai: desafios e recomendações**. Curitiba: Itaipu Binacional, 2005.